

NESTE LIVRO, CONVIDAMO-LO/A A REFLECTIR
DE FORMA CRÍTICA SOBRE O USO DAS PALAVRAS
«LÍRICO», «TOLERÂNCIA» E «PRIVILÉGIO»

POR AMOR À LÍNGUA E À LITERATURA

~~TENS QUE VER O FILME~~
TENS DE VER O FILME

~~PREFIRO NÃO COMER DO QUE TER DE COZINHAR~~
PREFIRO NÃO COMER A TER DE COZINHAR

MANUEL MONTEIRO



A quem ler

Recordo-me de, malgrado o desespero da editora, ter revisto doze vezes a primeira edição deste livro. Depois da terceira, alvitram-me que escrevesse uma edição revista e aumentada, de modo que o livro voltasse a ser objecto de atenção, depois do bom acolhimento do público e da crítica.

Este livro tem capítulos que as edições anteriores não tinham. Demais, dentro de cada um deles, além de novos polimentos (a revisão é uma estrada infinita), há mais informação. Em todos eles? Um enfático SIM.

Reconhecemos, sem dificuldade, que ser um bom astronauta, ou um bom médico, ou um bom matemático é algo que requer estudo e treino, mas hoje muito poucos vêem a actividade da escrita como uma nobre arte que exige devoção — uma vida de estudo e prática. Conheço poetas que se gabam de nunca ter lido poesia. Nunca tive conhecimento de um astrofísico que se atrevesse a afirmar nunca ter estudado astrofísica.

Intróito

Ao fim de muitas páginas lidas acerca da arte de escrever, concluir-se-á que é muito mais fácil definir os critérios que permitem identificar a má escrita do que aqueles que permitem identificar a boa escrita.

A boa escrita, não raro, é algo que se sente — não algo que se define. Munidos de instrumentos com razoável grau de objectividade, conseguimos demonstrar que certa frase (parágrafo, verso, poema, texto, obra) enferma de pecados capitais de principiante, mas o exercício de explicar por que motivos determinado passo representa o exemplo de boa, excelente ou superbíssima escrita é uma corrente que não flui do emissor para o receptor com igual naturalidade. (Será mais fácil haver consenso quanto à fealdade do que quanto à beleza?)

Dando um exemplo fora do assunto infinito da língua: podemos definir os elementos da beleza ou do magnetismo de um homem ou de uma mulher, e esses elementos serem encontrados noutros homens ou noutras mulheres que não consideramos, contudo, dotados de beleza ou magnetismo. Acontece o mesmo com a escrita.

A beleza é, por excelência, o equilíbrio superlativamente frágil.

Se houvesse uma fórmula para escrever bem, todos aqueles que a decorassem e praticassem, escreveriam, mais cedo ou mais tarde, da mesma maneira. Não há, felizmente, tal fórmula nem tal algoritmo.

Por penúltimo, o autor deste livro, depois de o reler, concluiu que há mais ouro nas notas de rodapé do que em tudo o resto, mormente nesta edição revista e aumentada.

Por fim, quem ler esta obra poderá ficar com a ideia de que o autor quis, *grosso modo*, atacar a nobre arte da tradução. Não quis. Sucede apenas que os maus exemplos apresentados servem para analisar vícios e micróbios que é forçoso combater.

Não se admire, portanto, se entender que neste livro a crítica abunda.

Não se admire também quanto à flutuação da primeira pessoa do singular e do plural, porque o autor sentiu necessidade de imprimir um tom mais pessoal a certos passos.

Erros de todos os dias

Neste capítulo, que poderia intitular-se «Aspectos da língua que todos os que trabalham com a palavra no espaço público deveriam saber», analisaremos alguns erros (erros, sim, não deixemos o erro vencer pelo cansaço e proclamá-lo aceitável, porque muitos falam e escrevem mal) que atentam contra a língua, a gramática (uma subcategoria muito importante da categoria anterior) e, em certos casos, contra a lógica. Não trataremos dos erros mais básicos e costumeiramente denunciados, como a diferença entre «à» e «há», procurando concomitantemente ocupar-nos de erros ubíquos (mas muito menos falados).

Cônjuge

Primeiro problema (a ortografia): escreve-se «cônjuge», sem *u* entre o *g* e o *e*. Segundo problema (a pronúncia): não tendo esse *u*, pronuncia-se como se tivesse um *j*, ou seja: côm–ju–je («je» como na pronúncia de «bege»). Terceiro problema (a gramática): é nome/ /substantivo masculino, pelo que se tratará sempre do cônjuge, seja mulher, homem ou qualquer outro género.

Rubrica

«Rubrica», e não «rúbrica». Não tem acento. Demais, é palavra grave/paroxítona, ou seja, a sílaba tónica é a penúltima («bri»), pronunciando-se correctamente como se tivesse acento no *i*. Mnemónica: a «rubrica» escreve-se e pronuncia-se como a segunda pessoa do singular do imperativo afirmativo do verbo *rubricar*: «Rubrica aí em baixo.»¹

¹ Também se escreve e pronuncia como a terceira pessoa do singular do presente do indicativo: «Ele/ela/você rubrica.»

Acordos e acentos

Há os «acórdãos». Há os «acordos». A palavra «acordos», ao contrário da palavra «acórdãos», pronuncia-se com o fechado. No plural como no singular: com a vogal fechada. É impressionante como os habitantes do espaço público, designadamente políticos, desconhecem isto.

Na nossa língua, não há palavras com dois acentos (relembremos: «bebé», «totó», «coco»), excepto se forem hifenizadas: «pré-histórico», «fá-lo-á», «dói-dói», «água-pé», entre um sem-número de exemplos. «Bênção», «acórdão», «sótão», «órfão», «órgão», entre outros, não são vocábulos com dois acentos, porquanto o til não é um acento. Que é o til? Um sinal gráfico de nasalização.

Círculo vicioso

Compulsando dicionários, no verbete «círculo», encontramos a expressão: «círculo vicioso». «Círculo», e não «ciclo».

Gonçalo Neves, no *Ciberdúvidas*, em 9 de Fevereiro de 2015², diz-nos: «[J]á enraizada na nossa língua, chegou-nos tal e qual [ou melhor ainda: «tal qual»] do latim (*vitiosus circulus*), a mesma fonte onde foram beber muitas outras línguas (*vicious circle* em inglês, *cercle vicieux* em francês, *círculo vicioso* em espanhol, *circolo vizioso* em italiano, *cercle viciós* em catalão, *vicieuze cirkel* em holandês [neerlandês], **порочный круг** em russo).» E acrescenta: «Num ciclo, não se verifica repetição de fenómenos, mas, sim, alternância. Um exemplo típico é o ciclo das estações.»

Entre muitas outras fontes, o sítio da Real Academia Espanhola acolhe:

² <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/porque-circulo-vicioso-e-nao-ciclo-vicioso/33313>

círculo vicioso

1. m. Vicio del discurso que se comete cuando dos cosas se explican una por otra recíprocamente, y ambas quedan sin explicación; p. ej., *abrir es lo contrario de cerrar*, y *cerrar es lo contrario de abrir*.
2. m. Situación repetitiva que no conduce a buen efecto.³

No verbete *ciclo*, não encontramos (felizmente) a corruptela do *ciclo vicioso*.

Preferir a

O verbo *preferir* é regido pela preposição *a*. Quem escreve, revê, traduz (ou meramente se preocupa com a correcção da linguagem) tem de decorar o seguinte: sempre que tropeçar no verbo *preferir*, vou logo tratar da regência, pois o ouvido e a intuição, neste caso, falham quase sempre. Eis um dos erros mais frequentes da nossa língua.

«Preferimos perder *a* abdicar dos nossos princípios.»

«A Joana prefere dançar *a* estudar.»

«Prefiro a praia *ao* [a + o] campo.»

«Preferes o campo *à* [a + a] praia.»

«Preferem isto *àquilo* [a + aquilo].»

Quanto mais distante do verbo, mais difícil é detectar o erro: a presença de «do que» em lugar de «a».

Quem estiver atento encontrará este erro no jornalismo, nos melhores autores, nos melhores tradutores, dia após dia após dia após dia.

«O António Marinho prefere cem mil vezes comer um bítuque numa tasca imunda, cheia de ratazanas e cobras, no meio dos piores bandidos, ~~do que~~ a comer um prato vegetariano.»

³ Fonte: <https://dle.rae.es/c%C3%ADrculo?m=form>

Pedir que

Não se diga: «Pedi para que te pusessem na lista.»

Não se diga: «Pedi para te porem na lista.»

Diga-se: «Pedi que te pusessem na lista.»

Não se diga: «Peço-te para veres este filme.»

Diga-se: «Peço-te que vejas este filme.»

Não se diga: «Pedi ao João para me deixar entrar na oficina.»

Diga-se: «Pedi ao João que me deixasse entrar na oficina.»

Não se diga: «O António pediu-te para veres este documento.»

Diga-se: «O António pediu-te que visses este documento.»

Não se diga: «Ele pediu-nos para irmos à garagem.»

Diga-se: «Ele pediu-nos que fôssemos à garagem.»

Sendo o verbo em causa transitivo nestas construções fráscas, pede complemento directo. Se tivermos «pedi que saíesses», o complemento directo de «pedi» é a oração integrante — «que saíesses».

Quando está, explícita ou implicitamente, a palavra «licença»/«autorização»/«permissão» e, concomitantemente, aquilo que se pede é uma acção que recai sobre o emissor da frase, poderemos ter:

«Pedi licença para falar.»

Logo:

«Pedi para falar.» (Quem quer falar é quem pede.)

«Pedi licença para sair da aula.»

Logo:

«Pedi para sair da sala.» (Quem quer sair é quem pede.)

«Eu pedi-lhe para falar com o João», se quem pediu é o sujeito que quer falar com o João. Prova disso é que poderemos ter: «Eu pedi-lhe licença/autorização/permissão para (eu) falar com o João.»

«Eu pedi-lhe que falasse com o João», se quem pediu *não* é o sujeito que pretende falar com o João. Neste caso, não se diga: «Eu pedi-lhe para falar com o João.» Prova disso é que, neste caso, não poderemos ter: «Eu pedi-lhe licença/autorização/permissão para (eu) falar com o João.»

«Eu pedi-lhe para telefonar à Sara.» Que significa isto? Significa que *eu* pedi licença/autorização/permissão para telefonar à Sara, ou seja, quem pede («eu») é quem quer telefonar à Sara. Porém, se eu pedi a outro/a que telefonasse à Sara, a frase ficará: «Eu pedi-lhe que telefonasse à Sara.» Além da correcção gramatical, entenda-se a extrema necessidade de algo essencial à comunicação: a clareza.

Tratando-se de um erro ubíquo, vejamos ainda outro exemplo sem «para». Isabel Casanova, no *Ciberdúvidas*, em 15 de Maio de 2016, dá o exemplo: «FMI pede aos credores europeus que reestruem a dívida», porque quem reestruturará a dívida não será o FMI.

Ter de/ter que

«Todos temos de comer (caso contrário, adoecemos e morremos), mas nem todos têm (o) que comer.»

O «que» não rege o verbo, APENAS se interpõe quando relaciona/liga o que vem antes com o/ao que vem depois. «Tem algo que se coma?» «Algo» vem antes de «se coma», a que está ligado. «Ela tem muito que fazer, e ele tem pouco que fazer.»

Nunca vi um «de» quando deveria estar um «que», ou seja, em caso de dúvida, opte sempre pelo «de», que, garanto-lhe, não errará. O erro é SEMPRE ao contrário. Alguém diria: «Desculpe, tem algo *de* se coma?» Não. Mas tantos dizem e escrevem ERRADAMENTE: «tenho que comer mais fruta», «tens que ver o que se passa», «temos que trabalhar mais», «terás que falar com ele», «têm que produzir mais». Correctamente: *de, de, de, de, de.*

Exemplo difícil: «tenho de fazer isto e aquilo», mas «não posso ir, porque tenho que fazer» — tenho *algo* (palavra omissa) que fazer.

Insista-se: não se tropeça no erro quando se emprega o *de*; tropeça-se repetidamente no erro quando se emprega o *que*.

«Ter de» exprime necessidade, vontade, desejo, anseio, obrigação, dever. Assim sendo, se precisas *de*, tens *de*.

«Tenho de ir!»

«Tenho de fazer dieta.»

«Tinha de ter muito descaramento para fazer o que fez.»

«Tenho de ver esse filme!»

«Tens de entregar isto hoje.»

«Naquele tempo, tinhas de ir à guerra.»

Na senda de outros seus antecessores, Rodrigo de Sá Nogueira, no *Dicionário de Erros e Problemas de Linguagem*, sublinha: «*Ter de* emprega-se em frases como *tenho de fazer alguma coisa*, que é também elíptica por *tenho necessidade de fazer alguma coisa* [...]»

Tenha a construção elíptica por base «necessidade», «vontade», «desejo», «obrigação», «dever», como dissemos anteriormente, é sempre «de» que devemos empregar (ou: que temos DE empregar): *tenho a necessidade de*, *tenho o desejo de*, *tenho a vontade de*, *tenho a obrigação de*, *tenho o dever de*. Repare-se que, em todos estes casos, a regência se faz com a preposição *de*.

Tens de ir à tropa, porque tens, consoante o que se queira exprimir, a necessidade, ou a obrigação, ou o dever *de* ir à tropa.

Tenho de ver o filme, porque tenho a necessidade, ou a vontade, ou o desejo *de* ver o filme.

Como podem as pessoas atravessar todo o sistema de ensino sem conhecer a regra de um verbo que usamos de cinco em cinco minutos?

SABE QUE HÁ UMA
PALAVRA PARA DESIGNAR
O MEDO PATOLÓGICO
DO AMARELO?

JÁ OUVIU FALAR DE
«PERSONAGENS PLANAS»
E «PERSONAGENS
REDONDAS»?

Tive uma professora de Filosofia que disse algo que nunca esqueci: «Se não vão ao dicionário consultar uma palavra que não conhecem, ficam sem perceber a frase. Não percebendo a frase, não percebem o parágrafo. Não percebendo o parágrafo, não percebem a página. Não percebendo a página, não percebem o capítulo. Não percebendo o capítulo, não percebem o livro.» Reconhecemos, sem dificuldade, que ser um bom astronauta, ou um bom médico, ou um bom matemático é algo que requer estudo e treino, mas hoje muito poucos vêm a actividade da escrita como uma nobre arte que exige devoção — uma vida de estudo e prática.

Por Amor à Língua e à Literatura, nesta edição revista e aumentada, procura formar exércitos de beatos da língua e despertar os amantes adormecidos das palavras.

QUAL A RELAÇÃO ENTRE
«REMORDIMENTOS»
E «ESCRÚPULOS»?

O CONCEITO «TEORIA
DO ICEBERGUE» DIZ-LHE
ALGUMA COISA?

«O AMOR OBSESSIVO DE MANUEL MONTEIRO
PELA LÍNGUA É MUITO DIVERTIDO.»

RICARDO ARAÚJO PEREIRA

Programa Cujo Nome Estamos Legalmente Impedidos de Dizer

ACORDO ZERO



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f editoraobjectiva

@ penguinlivros

ISBN 9789897847967



9 789897 847967 >